

Contos arrepiantes
da História
de Portugal

RUI CORREIA
ANTÓNIO F. NABAIS
TEXTO
HÉLIO FALCÃO
ILUSTRAÇÕES



NUVEM DE TINTA

ÍNDICE

ONDE??

Acalmação agitada	4
Lisboa à bomba	6
Fernando Pessoa	8
Boches contra gambúzios	10
O Esfinge Gorda	12
Às vezes, o amor	14
A arte de aldrabar	16
A Noite Sangrenta	18
Velez Carneiro, o futebolista assassinado	20
A bexiga de Camoesas	22
A marcha do marechal	24
Um homem que foi um país	26
A frigideira de Salazar	28
O diplomata desobediente	30
Portugal, esse cinzento	32
Morrer por nada	34
A tragédia de Matosinhos	36
Sangue na campina	38





O cão de Pidjiguiti	40
A salto	42
Adeus, senhor guarda	44
O sono e a estátua	46
A bordo da liberdade	48
Catanas e canhangulos	50
A Operação Vijay	52
O General sem Medo	54
É obrigatório proibir	56
Adeus e até ao meu regresso	58
Os turras de Wiryamu	60
O golpe falhado que não falhou	62
A Revolução dos Cravos	64
Abril, Maia	66
Democracia a ferro e fogo	68
O pesadelo interminável	70
Massacre de Santa Cruz	72





NUNCA ME
CASARIA COM
UMA PRIMA
MINHA!



A TUA PRIMA
É UMA RAPARIGA
CHEIA
DE SORTE!

ACALMAÇÃO AGITADA

No dia 5 de outubro de 1910 caiu a monarquia. Dois anos antes, o rei D. Carlos e o príncipe Luís Filipe, que iria herdar o trono, foram mortos num atentado. O infante D. Manuel, sem estar a contar, ficou com o trono. Já imaginaste? Estás tu muito descansado e, de repente, vês-te a mandar no país, depois de teres assistido ao assassinato do teu pai e do teu irmão mais velho.

Mandar no país não era assim tão evidente, porque os reis já não mandavam como dantes. Uma pessoa pensa que ser rei era só dar ordens e não poder ser contrariado, mas isso já não era assim tão simples. Ser rei implicava conversar com muita gente, procurar apoios aqui e ali, enfim, fazer política.

O rei D. Manuel teve de lidar com uma grande confusão. Havia dois partidos monárquicos. Sendo monárquicos, seriam a favor da monarquia, certo? Pois, mas não gostavam uns dos outros e alguns também não apreciavam muito o rei. Por outro lado, os republicanos também andavam próximos do poder e chegaram mesmo a vencer as eleições municipais em Lisboa. Os republicanos eram, claro, contra a monarquia, mas, por vezes, davam-se bem com alguns monárquicos.

O curto período durante o qual reinou D. Manuel II chamou-se «Acalmação», porque a ideia era acalmar o país, mas a agitação que iria dar origem à República já tinha começado há algum tempo e iria continuar. No dia 5 de outubro, Portugal passaria a ser uma república e D. Manuel viu-se obrigado a sair do país.

Passou a sua última noite como rei em Portugal no Palácio de Mafra, mandado construir pelo seu antepassado D. João V e frequentado por todos os reis portugueses desde então. Terá conseguido dormir? Se dormiu, terá sonhado com quê?

É claro que D. Manuel não sabia que aquela iria ser a sua última noite como chefe de Estado, porque acreditava que era possível voltar a ocupar o trono de Portugal. Hoje nós sabemos como a história continuou, mas ele não sabia, como nunca podemos saber como vai acabar a nossa história.

No dia seguinte, na Ericeira, embarcou, com a mãe e o tio D. Afonso, entre outros parentes, no iate *Amélia*, um barco com o nome da própria mãe. Daí foi até Gibraltar, onde viria a ser recolhido por um barco pertencente ao rei inglês. Seguiu para o Reino Unido, onde viveu o resto da sua vida, com alguns passeios ocasionais pela Europa. Casou com D. Augusta Vitória, de quem era primo, uma vez que ambos eram bisnetos da rainha D. Maria II de Portugal.

Acompanhou sempre a vida de Portugal, enquanto continuava a lidar com as disputas entre os monárquicos. Morreu em 1932, sem ter filhos. O seu corpo foi trasladado para Portugal. Está sepultado na Igreja de São Vicente de Fora.



LISBOA À BOMBA

Durante os dois únicos anos em que D. Manuel II foi rei existiram sete governos, o que revela bem a desordem que o país vivia.

Os partidos monárquicos dividiam-se, enquanto o Partido Republicano Português crescia de eleição para eleição. O primeiro-ministro Teixeira de Sousa sabia que mais cedo ou mais tarde haveria uma revolução e todos os quartéis receberam ordens para se pôr em alerta. Havia razões para isso. O plano secreto para derrubar o regime já estava preparado desde o mês de setembro. Quem iria comandar o golpe seria o almirante Cândido dos Reis, que jurou dar a vida pela República.

A operação militar começou no dia 3 de outubro, mas algumas tropas do Exército que tinham saído dos quartéis, ao perceberem que estavam sozinhas, abandonaram o plano. Restava a Marinha e os navios de guerra atracados no Tejo. Cândido dos Reis tentou dominar o navio-almirante *D. Carlos*, mas a sua tentativa fracassou. Julgou, então, que o movimento tinha falhado e suicidou-se, dando tudo por perdido. Estava enganado. Duas colunas militares ocuparam a Praça do Marquês de Pombal (a conhecida Rotunda), no centro de Lisboa, lideradas por Machado Santos, um enérgico tenente que se tornaria o «herói da Rotunda». Nessa noite, os seus homens já tinham ocupado o Quartel de Infantaria 16 e assaltado um paiol de munições. Além disso, os navios de guerra *São Rafael* e *Adamastor* içaram a bandeira da revolução, preparados para o combate.

Quando chegou a notícia de que Cândido dos Reis se matara, muitos oficiais desistiram. Mas Machado Santos recusou dar-se por vencido. Juntaram-se a ele muitos civis armados. Construíram barricadas com carroças, ramos de árvores, tábuas e pedras enormes. Entretanto, os canhões do monárquico Paiva Couceiro abriram fogo sobre os republicanos, dominando o Rossio. Em resposta, os navios no Tejo bombardearam o Palácio das Necessidades e as tropas fiéis ao rei D. Manuel saíram de automóvel para a Ericeira, onde o iate real *Amélia* o esperava para retirar a família real do país.

Os monárquicos estavam entre dois fogos: de um lado os canhões do Tejo, do outro os canhões da Rotunda. Na madrugada de 4 de outubro ainda tentaram uma ofensiva, correndo avenida acima, mas Machado Santos bombardeou-os furiosamente na Praça dos Restauradores.

Às sete da manhã, o embaixador da Alemanha subiu a avenida, empunhando uma bandeira branca. Queria apenas falar com os republicanos para que os cidadãos alemães pudessem sair do país. Porém, ao ver esvoaçar uma bandeira branca, toda a gente pensou que, finalmente, as tropas monárquicas se tinham rendido. Não era verdade, mas também isso já não interessava. Numa alegria entusiástica, o povo saiu à rua, abraçando as tropas republicanas, gritando vitória e dando vivas à República. A revolução tinha vencido. Perante isto, os monárquicos desistiram. Umhas horas depois, Eusébio Leão, rouco de tanto gritar, e José Velvas proclamaram a República Portuguesa na varanda da Câmara Municipal. O resto do país seria informado por telefone de que estava implantada a República em Portugal.



LISBOA FOI MESMO UM CAMPO DE BATALHA.



BOOOOM





ESTE FERNANDO
PESSOA É MUITO
INTERESSANTE,
NÃO É, MANUEL?



MANUEL?
QUEM É O MANUEL?

FERNANDO PESSOAS

As vezes, parece que não somos a mesma pessoa. Ou porque dormimos mal. Ou porque estamos mais nervosos. Ou porque estamos mais calmos. Nesses dias, até pode acontecer que alguém diga: «Nem pareces tu!», ou «Pareces outra pessoa.»

Outras vezes, temos vontade de ser outra pessoa, e é para isso que servem as brincadeiras: podemos ser aviadores, agricultores, super-heróis, animais selvagens e domésticos.

Outras vezes ainda, quando ninguém está a ver, falamos com pessoas imaginárias, trocamos ideias com elas e até discutimos, porque as pessoas imaginárias podem ser muito teimosas.

Em 1888, em Lisboa, num prédio mesmo em frente ao Teatro São Carlos, nasceu um menino a quem deram o nome Fernando António Nogueira Pessoa. Tinha nascido aquele que viria a ser um dos maiores aventureiros do século xx portugueses.

O pai de Fernando morreu muito novo e a mãe voltou a casar. Aos seis anos, a família foi para a África do Sul. Fernando Pessoa voltou para Lisboa quando já tinha 17 anos. Nunca mais voltou a sair do país.

Um dos maiores aventureiros? Mas que aventuras são essas? Escalou montanhas? Mergulhou em mares profundos infestados de tubarões? Combateu inimigos armados até aos dentes? Nada disso. Nas suas muitas aventuras, Fernando Pessoa usou palavras, escreveu milhares de páginas, muitas delas guardadas numa arca que está na Biblioteca Nacional, em Lisboa.

Fernando Pessoa é um dos maiores poetas de sempre. A sua obra tornou-se tão importante, que é estudada em todo o mundo. Com as palavras criou sentimentos, ideias, mundos. E pessoas. Pessoa criou pessoas? Mas o que quer isso dizer? O homem não teve filhos, não foi professor, não trabalhou num infantário.

Ora, Fernando, segundo explicou numa carta a Adolfo Casais Monteiro, sempre teve tendência para sentir que, na sua cabeça, havia várias pessoas. Numas noites de 1914, começou a escrever poemas sem parar, até o dia nascer. Durante essa noite, criou textos que pertenciam a diferentes autores, pessoas que viviam dentro de Pessoa.

Chamou-lhes «heterónimos», que quer dizer «outros nomes». Um era muito nervoso e chamava-se Álvaro de Campos; outro, que não queria pensar, era Alberto Caeiro; um terceiro, Ricardo Reis, queria escrever como outros poetas muito antigos e viver os dias sem se angustiar.

No café A Brasileira, muito perto da casa onde nasceu, há uma mesa com duas cadeiras. Numa das cadeiras está uma estátua de Fernando Pessoa. Quando puderes, senta-te e fala com ele. Falar com uma estátua faz tanto sentido como ter várias pessoas dentro da mesma pessoa ou como falar com amigos imaginários — uma estátua, pelo menos, tu podes ver ou tocar. Só há um problema: a estátua é do Fernando Pessoa, mas, no dia em que lá fores, pode estar lá um dos heterónimos. Tens de perguntar: «Hoje, és o Fernando, o Álvaro, o Alberto ou o Ricardo?»



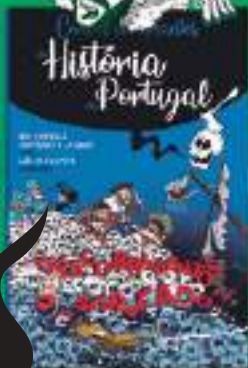


No Portugal do século XX viveu o último rei, nasceu a República, apareceu uma ditadura que durou 48 anos, houve uma guerra em África e morreu um Império. O velho Portugal que tivera colónias em três continentes ficou reduzido a este cantinho, onde as pessoas, depois do 25 de Abril, em 1974, passaram a ter direito a viver em democracia, o sistema que traz liberdade para dar opiniões e para escolher as pessoas que nos governam. Neste livro, a História de Portugal ficou tão perto de nós que há ainda muitas pessoas que assistiram a estes acontecimentos. Há dores e há feridas nestes contos. Mas um grande país também se faz disso. Vamos saber o que custa a liberdade.

EPISÓDIOS REPELENTES, MEDONHOS, TENEBROSOS VISCOSOS...

...FORMIDOSOS, ENLAMEADOS, BRITAIS, ASQUEROSOS

...NOJENTOS, HORRIPILANTES, IMUNDOS, MALCHEIROSOS...



E QUE CHEGAM MESMO, POR VEZES, A SER DESAGRADÁVEIS, DA HISTÓRIA DE PORTUGAL

penguinlivros.pt

penguinkidspt

penguinlivros



Penguin
Random House
Grupo Editorial

ISBN 9789897848414



9 789897 848414 >